PAULO FREIRE (1921-2021) E A *PEDAGOGIA DA ESPERANÇA* COMO PRÁTICA LIBERTADORA: a grandeza de uma utopia revolucionária

Adelaide Ferreira Coutinho[1]
Luís Flávio Coelho Gonçalves[2]
Paula Roberta Coutinho Rodrigues[3]

RESUMO
Esse ensaio dialoga com a obra de Paulo Freire, esta que fundamentou o trabalho desenvolvido na Educação do Campo, por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, no Maranhão. Na realização desse Programa a Pedagogia Libertadora e a Pedagogia dos Movimentos Sociais, particularmente, a desenvolvida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tornaram-se fundamento metodológico. Assim, o objetivo é explicitar esse legado, particularmente dialogando com a "Pedagogia da Autonomia" de Freire (1996), dedicada aos educadores(as) brasileiros(as). Buscaram-se, ainda, interlocutores de Freire, que se dedicaram a explicitar o quão revolucionário era Paulo Freire por conceber a educação como prática política libertadora. Considera-se necessário, na comemoração do seu centenário de nascimento, manter vivo o legado de sua obra em defesa da educação pública nacional.
Palavras-chave: Paulo Freire. Educação Libertadora. Pedagogia da Autonomia. PRONERA.
ABSTRACT
This essay is in dialogue with the work of Paulo Freire, which was the basis for the work devveloped in rural Education, through the National Program for Education in Agrarian Reform – PRONERA, in Maranhão. In the realization of this Program, the Liberation Pedagogy and the Pedagogy of Social Movements, particular that developed by the Landless Rural Workers Movement(MST), became the methodological foundation. Thus, the objective is to make this legacy explicit, paticulary by dialoguing with Freire's "Pedagogy of Autonomy" (1996), dedicated to Brazilian educators. We also sought Freire's interlocutors, who dedicated themselves to explaining how revolutionary Paulo Freire was for conceiving education as a liberating political practice. It is considered necessary, in the celebration of the centenary of his birth, to keep alive the legacy of his work in defense of national public education.
KEYWORDS: Paulo Freire. Liberating education. Pedagogy of Autonomy. PRONERA.

[1]Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Docente/pesquisadora da UFMA. Ex corodenadora do PRONERA/UFMA/MST/ASSEMA. Integrante do Observatório de Políticas Públicas e Lutas Sociais do PPGPP/UFMA, adelaide.fcoutinho@gmail.com
[2] Especialista em Arte, Mídia e Educação pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA. Graduado em Design pela Universidade CEUMA; flavio-c-g@hotmail.com.
[3] Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Bacharel em Fisica. Licenciada em Formação Pedagógica de Docentes para o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano); Ensino Médio e Educação Profissional pela UEMANET; paulapororoca@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Patrono da Educação Brasileira, o pensador e educador Paulo Freire, completaria 100 anos, em setembro de 2021. Comprometido com os oprimidos e explorados, esse Pensador da Educação brasileira construiu uma Filosofia e uma Teoria do Conhecimento com grande coerência política, ética e estética, que se tornaram um fundamento para a sua Pedagogia Libertadora, por meio da qual educava e se educava-no-mundo e com-o-mundo. Nesse diálogo, tinha o mundo real (concreto) como mediador e na Esperança – aquela que não espera – o motor da luta em que construíra seu horizonte histórico, educativo e político. Assim, tornou-se expressão de um pensamento ávido por liberdade e se fez referência na educação brasileira e mundial.

A forma pujante pela qual Paulo Freire constituiu sua Pedagogia, em suas andanças pelo mundo, desde as suas origens no Recife, depois no exílio e, de volta ao Brasil, após o fim da ditadura militar (1964-1985), foi retratada no livro intitulado *Paulo Freire*, organizado por Celso de Rui Beisiegel (2010). Trata-se do registro de uma rica trajetória de posições instigantes de Paulo Freire, “a partir de sua densa interação intelectual com filósofos, sociólogos, educadores, políticos e pensadores [...] até sua crescente aproximação dos intelectuais de esquerda e dos quadros teóricos do marxismo” (BEISIEGEL, 2010, p.11).

Em Portugal, ano de 1997, um simpósio pretendia reunir especialistas em educação mundial e amigos de Paulo Freire, na Universidade de Lisboa para homenageá-lo. Paulo Freire não compareceu ao evento, pois, naquele mesmo ano, a notícia de sua morte soou forte e provocaria um grande vazio à educação brasileira e mundial.

No ano de 1998, Michael Apple e António Nóvoa reuniram as comunicações que se fariam naquele Simpósio de 1997, num livro intitulado *Paulo Freire: política e pedagogia* (1998), publicado em Portugal. Entre os autores: Apple; Torres; Furter; Puiggrós; Fernandes; Saul; Pintasilgo; Nóvoa e outros (APPLE; NÓVOA,1988). No Prefácio, feito por Maria de Lourdes Pintasilgo, há um manifesto sobre a Pedagogia Libertadora, tão cara a esse pensador brasileiro. Segundo a autora,

> Estamos longe de uma "pedagogia" que apenas fosse uma outra "tecnologia educativa" ou mais um substituto científico para o envolvimento com a fisionomia multifacetada da realidade. Trata-se da pessoa, das relações entre os que socialmente são tidos como ensinando e aprendendo. Se método existe, ele é o resultado de uma vivência e a procura de um caminho de liberdade para cada pessoa. O que Paulo Freire propõe é de facto um *objectivo* político, no mais *exacto* e nobre sentido que a política pode ter: "Educação para a libertação" (1998, p.14).

A partir dessas referências e, por meio de um diálogo com alguns de seus interlocutores, destaca-se o seu legado para a Educação do Campo no Brasil, em Especial para o PRONERA, programa criado em abril de 1998, que tem como marcos regulatório o seu Manual de Operações; a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009 que determina em seu Art. 33. "Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, a ser implantado no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA e executado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA" e o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 que dispõe sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) (BRASIL, 2010).

O PRONERA no Maranhão foi desenvolvido por meio de projetos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/DR-MA), a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Associação em Assentamentos de Reforma Agrária no Maranhão (ASSEMA), o Colégio Universitário de Aplicação (COLUN/UFMA), a Fundação Sousândrade (FSADU), a Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (ACONERUQ) e o Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN).

Sem dúvida, o objetivo de dialogar com a obra freireana, a partir da experiência com o PRONERA/MA, é audacioso, considerando-se a riqueza e a profundidade de seus escritos, especialmente aqueles dedicados à Educação de Jovens e Adultos analfabetos, na qual militou desde os meados da década de 1940.

Antecipa-se que no percurso teórico que se fará se registrarão passagens relevantes de sua obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2004), publicada um ano antes de sua morte. Como o próprio Freire declarava: "uma obra dedicada, inclusive, àqueles que se diziam contrários à

vertente de seu pensamento". Assim, pode-se dizer que Paulo Freire vive! através de sua obra imortalizada no mundo inteiro e que, até nossos dias, continua incomodando a todos que tentam cercear a *Educação como prática de liberdade*.

2 O LEGADO FREIREANO PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

Considera-se pertinente e atual adotar a "Pedagogia Política" (1998) de Paulo Freire, como referência para a educação brasileira, particularmente, considerando-se a conjuntura educacional atual, extremamente afetada por práticas neoliberais e autoritarismos crescentes e reinantes na política curricular e na formação dos educadores. Nesse aspecto, para Freire (apud SOUZA, 2012, p.8) "Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente, tornando-se cada vez mais intolerável, e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens".

Nesse sentido, não se pretende trazer elementos de confrontação ideológica ou mesmo metodológica acerca da obra de Paulo Freire, mas, sobretudo, afirmar que ele nos instiga a adotar os pressupostos de uma Pedagogia que é progressista, anticapitalista e de movimento em direção à liberdade. Pedagogia para a Educação Popular, de fomento à crítica transformadora, enquanto uma pedagogia da totalidade. Assim, conforme Saviani (2007, p.333), qualquer avaliação a que se chegue sobre Paulo Freire, "é irrecusável o reconhecimento de sua coerência na luta pela educação dos deserdados e oprimidos que, no início do século XXI, no contexto da 'globalização neoliberal', compõem a massa crescente dos excluídos. Por isso, seu nome permanecerá como referência de uma pedagogia progressista e de esquerda", portanto não se sustentam as teses contrárias à sua obra.

Adotar Paulo Freire como inspiração para uma práxis revolucionária por educadores e educadoras que defendem a educação e escola públicas, não incorre contradições epistemológicas e metodológicas, porque há uma coerência em Freire, tanto metódica quanto do horizonte de sua práxis como realização de um pensar militante, fincado na história real e em permanente movimento. Para Freire (2004), essa atitude deve exigir do educador a convicção de que a mudança é possível,

porque a História para ele não era inexorabilidade e sim possibilidade, porque "o mundo *não é.* O mundo *está sendo* [...] meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito [...] Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente" (FREIRE, 2004, p.77).

Ressalta-se que os espaços de socialização do conhecimento (escolas, universidades etc.) e dos movimentos e organizações sociais populares são locais em que se pode contrapor a sociedade capitalista e a educação como mercadoria, conforme Mészaros (2005). Romper com a Educação Bancária continua um objetivo atual, fazendo-se referência ao que Paulo Freire (2019) designou como prática educativa contrária à liberdade e ao saber que transforma. Freire nos ensinou que precisava ser instituída a *Educação como Prática de Liberdade* (FREIRE,1983) esta, somente possível, sob o paradigma da *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2004).

É inegável a centralidade da educação e do conhecimento como construção histórico-social na obra de Paulo Freire, porque ele entendia que estes são produtos de relações sociais humanas (entre classes sociais, gêneros, raças, culturas) de cada lugar e tempos históricos. Reiteradamente ele ensinou que a educação é um ato político, por isso seus escritos sobre a formação e o trabalho do educador, sustentava a tese da *docência e discência em relação dialógica*, *com rigor metódico e compromisso político*, visando atingir os objetivos da transformação social pela educação.

Veja-se o que Paulo Freire (2004) afirmou no livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa:*

> Devo deixar claro que, embora seja de meu interesse central considerar neste texto *(Pedagogia da Autonomia)* saberes que me parecem indispensáveis à prática docente de educadores e educadoras críticos, progressistas, alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores. São saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora (p.21, 2004, Grifos da Autora)

Assim, independentemente do caráter atribuído à educação e à prática docente, se progressista ou conservadora, ensinar é uma especificidade humana (FREIRE, 2004). Nesse sentido, as reflexões freireanas tornam-se clássicas porque explicativas do fazer educação como ato político e como prática social humana de extrema importância para o enfrentamento dos problemas sociais. Na educação

brasileira o cenário é desafiador, sobretudo, agravado por força da Pandemia do Covid-19 e das contrarreformas educacionais em curso.

Porém, concordando-se com Saviani (2020), deve-se destacar a obra de Freire e seu exemplo militante, como importantes conteúdos para fundamentar as reflexões críticas e a prática pedagógica dos docentes, em especial nesses tempos "de negação da historicidade dos fenômenos – evidenciando a falácia e a demagogia dos vozeiros e ideólogos liberais e pós-modernos -, contraditoriamente, a história dá mostras de que segue seu rumo, está longe de ter chegado ao fim como apregoaram" (SAVIANI, 2020, p.1). As crises permanentes do capital "com sua voracidade destrutiva, que se alimenta de incansáveis reformas impelidas a desmontar o Estado e atacar os trabalhadores nos seus direitos, as pandemias e as sucessões de catástrofes, demonstram que a História se movimenta o tempo todo, incessantemente" Saviani (2020, p.1) e por isso a obra de Paulo Freire está viva.

Paulo Freire foi crítico radical da "malvadeza neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia" (2004, p.14) e se destacou entre os grandes pensadores e educadores brasileiros, a exemplo de Caio Prado Junior; Celso Furtado; Florestan Fernandes; Darcy Ribeiro; Emília Viotti, Virgínia Fontes, Dermeval Saviani, Milton Santos, Roseli Caldart, Celi Taffarel e tantos outros. Ele tornou-se referência histórica da luta social em defesa dos oprimidos e explorados, tanto entre os movimentos sociais de contestação da sociabilidade capitalista quanto entre os trabalhadores da educação.

Esse entendimento ajuda a identificar o lado de Paulo Freire nessa luta histórica e o porquê de tanta reação à sua obra (em vida e pós). Hoje, presencia-se novamente a educação nacional golpeada (tese referenciada na obra de Luís Antônio Cunha e Moacyr de Góes, *O golpe na educação – Brasil, os anos de autoritarismo).* Trata-se de um ataque intencional e articulado à educação e escola públicas; a seus educadores, desde a educação básica ao ensino superior.

Isso reafirma a necessidade de se conhecer Paulo Freire que, segundo Apple (1998, p.23), não havia ninguém mais imponente, mais eloquente, mais respeitoso do que Freire.

> Em todas as nações do mundo, há aqueles que reconhecem que a educação não é uma atividade neutral, que está intimamente a múltiplas

> relações de dominação e subordinação – e, de um modo essencial, às lutas para desconstruir e reconstruir essas relações. Em todas as nações do Mundo há aquelas pessoas que dedicaram as suas vidas a criar novas perspectivas das possibilidades educacionais e novas práticas que as concretizem. Além disso, alguns indivíduos são capazes de gerar dinâmicas *tão* poderosas, *tão* desafiantes, *tão* apelativas, que se tornam professores (e uso esta palavra com o máximo respeito) de centenas, mesmo milhares, de outras pessoas, não apenas nas suas próprias nações, mas em muitas outras (APPLE, 1998, p. 23). Esse era Paulo Freire!.

Para Beisiegel (2010) era próprio do estilo de trabalho de Paulo Freire a permanente revisão de suas convicções acerca da realidade, assim, vigorosamente, as antigas preocupações de Freire eram reexaminadas e, casos, até em que ele as reformulava a partir de novas reflexões, do diálogo com colegas, alunos, educadores. É desse movimento entre o pensamento e a realidade concreta que Freire produziu e registrou sua práxis transformadora nos

> extensos ensaios sobre a natureza política da educação e sobre a impossibilidade da neutralidade política da educação nas sociedades não igualitárias. Temas recorrentes são, também, o diálogo, a democracia, a conscientização, o multiculturalismo, o voluntarismo, o mecanicismo, o espontaneísmo, o autoritarismo e a presença da ideologia na educação, as massas populares como hospedeiras das ideologias da dominação, os conteúdos do processo educativo, o aprendizado dos conteúdos sempre sob a perspectiva das exigências da libertação. (BEISIEGEL, 2010, p.112)

É esse Paulo Freire que se reconhece como fundamental à prática pedagógica – o Educador militante – bem distante daquele Freire que foi produzido longe da política, e mais academicista por alguns freireanos, denominação dada por Aplle (1998). Segundo esse autor, estava em curso uma espécie de indústria de Freire, em que aparecem livros, artigos, eventos, organizações e outros sobre o seu pensamento e que usaram Freire como estratégia de mobilidade social, inclusive, no meio acadêmico (APLLE, 1998), deixando de lado o povo.

Portanto, foi a partir desse legado da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire e das Pedagogias Progressistas ou contra hegemônicas que o PRONERA, no Maranhão, construiu sua práxis pedagógica na Educação do Campo.

3 PAULO FREIRE: SEMPRE É TEMPO DE APRENDER, SEMPRE É TEMPO DE ENSINAR!

O Professor Ernani Maria Fiori (2019), em Prefácio à Pedagogia do Oprimido afirmou que Paulo Freire era um pensador comprometido com a vida. Para ele,

Freire não pensava ideias, pensava a existência. Freire produzira uma Pedagogia Revolucionária, arma para que todos os educadores comprometidos como a educação do povo, pudessem no âmbito de uma "sociedade cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências" servir à libertação.

Aprendeu-se ao longo de quase duas décadas de trabalho com a Educação do Campo, por meio do PRONERA, os versos de uma canção do poeta Gilvan Santos, *Não vou sair do campo pra poder ir pra escola. Educação do campo é direito e não esmola* e a poesia popular de Zé Pinto, *Quem é que tem interesse em participar, quem é que se prontifica para ensinar? [...] Sempre é tempo de aprender, sempre é tempo de ensinar.* Tais versos poderiam ter sido escritos por Freire, pela beleza da dialética do ensinar e aprender em qualquer tempo, mas no lugar de origem do educando e do educador, lá onde ele faz cultura e história: o campo. Esse aprendizado no PRONERA se constituiu para nós educadores e militantes uma escola de formação política. Em particular, porque testemunhou-se que ensinar e aprender são especificidades humanas, como tão bem nos ensinou Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente* (2004). Obra que foi estudada por todos os alunos das dez turmas do Curso de Magistério do PRONERA-UFMA/MST/ASSEMA e pelas quatro turmas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Terra-PRONERA/UFMA/MST/ASSEMA/CCN/ACONERUQ.

Os cursos do PRONERA são organizados em regime de alternância, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB nº 9.394/1996, cujo Art. 23 prevê que "A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos[...]"(BRASIL, 1996). Essa alternância, no PRONERA/UFMA/MST/ASSEMA/CCN/ACONERUQ, se dividia em duas modalidades de estudos: tempo escola (atividades presenciais desenvolvidas no espaço escolar) e tempo comunidade (atividades realizadas nos assentamentos, escolas do campo etc.).

No Maranhão, apesar dos altos índices de pobreza e analfabetismo no campo, as políticas públicas estaduais e municipais de educação não estavam comprometidas em assegurar a educação às áreas de reforma agrária e territórios tradicionais. O paradigma da educação para os povos do campo continuara o da

Educação Rural. Cabe ressaltar que os movimentos sociais do campo e sindicatos rurais já vinham realizando outras experiências em Educação Popular, em diálogo com a obra de Paulo Freire, porém, não era atribuído a estas o caráter oficial como política pública. As escolas do campo e os destinatários dessas políticas (ribeirinhos, sem-terra, quilombolas, indígenas, extrativistas etc.) não eram considerados em sua história e cultura de vínculo com a Terra e a Natureza.

Desse modo, o legado educacional do PRONERA foi consolidar a educação nesses territórios como política educacional *do* e *no* campo. No PRONERA/INCRA e no Ministério da Educação (MEC/SECADI) contou-se com o trabalho de militantes favoráveis à causa da Educação do Campo. Reconhece-se o trabalho desenvolvido pelos Asseguradores e Técnicos do INCRA, permitindo que o PRONERA se ampliasse pelas diversas regiões do país, por meio dos projetos aprovados pela Comissão Pedagógica Nacional do PRONERA/INCRA/DF e da qual participavam as universidades públicas e os movimentos sociais. O PRONERA, até o ano de 2015, atendeu 191,6 mil alunos, por meio de 529 cursos/projetos (BRASIL, 2015), todos oferecidos em parceria com as universidades públicas, institutos federais e movimentos sociais do campo. Hoje, certamente, as estatísticas de atendimentos cresceram, apesar dos retrocessos nas políticas educacionais.

Mas, Freire (2000) nos alertava que uma das certezas que devemos ter é a de que “mudar é difícil, mas é possível” ou “do direito e dever de mudar o mundo” (2000, p.26). Achar que tal realidade é irrecorrível, que se deve renunciar à capacidade de criticá-la, de lutar para transformá-la é abrir mão da eticidade de nossa presença no mundo (FREIRE, 2000).

3.1 O LEGADO DE PAULO FREIRE PARA O PRONERA: educação *do* e *no* campo

Quando Freire escreveu a *Pedagogia do Oprimido* “aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele”.(Freire, 2019b, p. 43) afirmava que ter consciência da opressão não basta, não é suficiente, porque “reconhecerem-se limitados pela situação concreta de opressão (...) não significa ainda sua libertação (...). Somente

superam a contradição em que se acham quando, ao reconhecerem-se oprimidos, se engajam na luta por libertar-se" (idem, pp. 48-49).

A consciência sobre a realidade das sociedades capitalistas, governadas pelos interesses de frações, grupos, classes e nações dominantes, permitiu a Paulo Freire radicalizar seu posicionamento político e, segundo Beisiegel (2010, p.93), ao longo de sua atividade, ficou marcante em Freire "a compreensão dos modos de organização do social, no que respeita à organização da sociedade e, por extensão, às articulações do social com a educação e com os destinos dos homens". Assim, Paulo Freire se aproximou da bibliografia de orientação marxista. Para Beisiegel (2010), foram as experiências vividas no Brasil e no Chile, por Freire, que o convenciam de que os "antagonismos sociais eram de natureza diversa, e, com os marxistas, passava a enxergar os fundamentos da organização da sociedade na oposição entre as classes" (2010, p.94). No seu caso particular, na oposição entre os 'opressores' e os 'oprimidos'.

Paulo Freire continuaria, até a sua morte, "comprometido com o ideal de aperfeiçoamento do homem e da sociedade criada pelos homens; mas, sob essas novas perspectivas de compreensão do social, entendia, agora, que este aperfeiçoamento seria o produto da atuação libertadora dos 'oprimidos'" (BEISIEGEL, 2010, p. 95). É evidente que um pensamento firmado na práxis transformadora o tornou cada vez mais próximo da Pedagogia Socialista, em especial as relações entre a educação e a prática política e da necessidade de formação da consciência revolucionária dos "oprimidos".

Para o PRONERA/MA, Paulo Freire é referência de educação escolar popular, pois, em toda a sua trajetória histórica, jamais negou a importância do saber escolar e, também, jamais fez a defesa de um conhecimento não sistematizado contra o saber sistematizado. Paulo Freire afirmava: Não há docência sem discência, por isso ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a discriminação, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Ensinar não é transferir conhecimento, porque exige: consciência do inacabado, o

reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, curiosidade. Ensinar é uma especificidade humana que exige: segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade a autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos (FREIRE, 2004).

Caldart (2021) nos chama atenção para a importância dessa reflexão sobre as finalidades sociais e políticas da educação porque "são elas que orientam as decisões sobre o que precisa ser afirmado e combatido, preservado e recriado nas práticas educativas concretas de cada tempo e circunstância" (2021, p.1). A Educação do Campo, como Educação Popular e de caráter socialista, tem como pressuposto:

> [...] formar lutadores e construtores! Para lutar contra tudo que nos sufoca e nos impede uma vida mais plena. Para construir alternativas a uma ordem social que precisa ser transformada radicalmente em toda sua maneira de ser. Esta finalidade geral nos ajuda na leitura histórica das necessidades educativas dos sujeitos das nossas práticas (pessoas e coletivos) e a formular intencionalidades nesta direção.

Assim, quando se constituíram as parcerias e equipes para execução do PRONERA/UFMA/MST/ASSEMA/CCN/ACONERUQ, no Maranhão, essa nova Pedagogia de Educação *do* e *no* campo, nascida da luta dos camponeses, devia ter como um de seus pilares a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Porque essa Pedagogia contemplava a formação escolar e política daqueles sujeitos do campo - como ponto de partida e de chegada - não como reflexo ou acumulação de conteúdos, mas como direito aos conhecimentos historicamente produzidos pela sociedade em seu favor, como criação e recriação humana. Essa experiência reafirmou em cada educador, envolvidos naqueles projetos, que um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem ensina, é saber que ao ensinar, também, aprende e que nessa relação (assentamentos, povoados, áreas quilombolas, movimentos sociais etc.), a "sua *presença* se vá tornando *convivência*, que seu estar no *contexto* vá virando estar com ele [...]" (FREIRE, 2004, p.76).

Freire dizia que a prática educativa de opção progressista é desveladora por ser uma experiência de desocultação da verdade e fomentadora de Esperança como necessidade ontológica que precisa estar ancorada na prática para poder se tornar concretude histórica. É a análise política séria e correta do educador que desvelará as possibilidades de mudança, não importarão quantos obstáculos apareçam (FREIRE, 2019a).

4 CONCLUSÃO

É possível afirmar que a “Educação Libertadora” de Freire é representante da grandeza do pensamento revolucionário de muitos educadores brasileiros, cuja concepção de educação está firmada na luta contra a visão mercadológica de educação no sistema do capital. Paulo Freire, “Patrono da Educação Brasileira”, é autor de uma “utopia revolucionária” a Pedagogia Libertadora ou a Filosofia de Educação, tecida sob o ponto de vista da defesa dos “condenados da terra”, dos excluídos, pautada no que chamou de *ética universal do ser humano,* no sentido da necessidade de rigorosidade ética em contraposição a “ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro”. Em níveis nacional e internacional, essa vertente da educação, pode contribuir para que a Educação se contraponha aos reflexos da “nova ordem mundial”, tida para os conservadores como naturais e inevitáveis (FREIRE, 2004). Essa é uma possibilidade apontada por Freire em toda sua obra, portanto, era militante da liberdade bem antes da publicação, em 1996, da “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, livro cujas referências nos convidam às reflexões sobre a ética afrontada pelo sistema do capital:

> A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero e de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vive-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles (FREIRE, 2004, p.16).

Nesse sentido, é que se entende que a prática educativa deve ser revolucionária no sentido da coerência que a formação do educador, a sua postura

política e sua ética a serviço da liberdade e da transformação social. Por isso, Paulo Freire afirmara que "o preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética" (2004, p.16).

Pode-se concluir com o que Puiggrós denominou de Sistema Pedagógico de Paulo Freire, que no PRONERA/MA contribui para fundamentar alternativas à educação sob o imperativo do capital, porque Freire fundamenta-se:

> - Numa relação de interioridade entre política e educação;
> - Na educação como produto de uma relação histórica e socialmente instituída e, portanto, politicamente mutável;
> - Na introdução do conceito de *educação dialógica*, que se opõe à *educação bancária*, indicando que o processo educacional não leva necessariamente à reprodução do poder dominante. (PUIGGRÓS, 1998, p.111).

Ele mesmo se dizia "uma inteireza" que se constituía *com* o outro "porque ninguém pode dizer a palavra, sozinho". Assim, é a prática educativa libertadora, aquela que contribui para que o ser humano cumpra com a sua vocação ontológica: ser sujeito da história (FREIRE, 2004).

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). **Paulo Freire:** política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento: processo histórico e chave metodológica. In: **Grupo de Estudos do MST sobre Reforma Agrária Popular e Educação**, São Paulo, set. 2020, p.1-13; São Paulo, fev. 2021, p.1-13 *online.*

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 20 jul. 2018.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA; Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA; **Lei nº 11.947**, de 16 de junho de 2009. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br). Acesso em: janeiro de 2021.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA; Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA; **Decreto nº 7.352**, de 4 de novembro de 2010. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br. Acesso em: janeiro de 2021.

BRASIL, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Desenvolvimento Agrário; Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;. Programa Nacional de Educação Na Reforma Agrária. **II PNERA - Relatório da II Pesquisa Nacional sobre a Educação na Reforma Agrária.** Brasília, 2015. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/150618_relatorio_ii_pesquisa%20nacional.pdf. Acesso em: janeiro de 2021.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA; Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA; Divisão de Educação do Campo – DDE-1. **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária: MANUAL DE OPERAÇÕES**. Aprovado pela Portaria/INCRA/P/Nº 19, de 15.01.2016. Brasília-DF, 2016.

CUNHA, Luís Antônio; GÓES, Moacyr de. **O Golpe na Educação** - Brasil os anos de autoritarismo. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1985.

FERNANDES, João Viegas. **Da alfabetização/educação de adultos à educação popular/comunitária:** relevância do contributo de Paulo Freire. In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

FIORI, Ernane Maria. **Prefácio a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FURTER, Pierre. **Paulo Freire e Ivan Illich:** das utopias pedagógicas às utopias pedagógicas às utopias sociais. In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

NÓVOA, Antônio. **Paulo Freire (1921-1997):** a “inteireza” de um pedagogo utópico. In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

PINTASILGO, Maria de Lourdes. **Prefácio.** In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

PUIGGRÓS, Adriana. **Paulo Freire e os novos imaginários pedagógicos latino-americanos.** In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

SAUL, Ana Maria. **A Construção do currículo na teoria e na prática de Paulo Freire**. In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das idéias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Educação escolar, currículo e sociedade:** o problema da base nacional comum curricular. In: MALANCHEN, Julia; MATOS, Neide da Silveira Duarte de; ORSO, José Paulino (Orgs.). A pedagogia histórico-crítica, as políticas educacionais e a base nacional comum curricular. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

SOUZA, Ana Inês. **Pensando com Paulo Freire.** Guararema, SP: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2012.

TORRES, Carlos Alberto. **A Pedagogia política de Paulo Freire**. In: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antônio (Org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Portugal: Porto Editora, 1998, (Coleção Ciências da Educação).